

# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

Barcellos, 11 de dezembro de 1904  
Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 609

## SENHORA DA CONCEIÇÃO

De todas as manifestações do culto catholico, a mais poetica, a mais bella, a mais suggestivamente tocante—é aquella que tem por alvo celebrar a Conceição Immaculada da Virgem Maria.

E' que a pureza e a virgindade foram em todos os tempos, em todas as religiões, por todos os povos consideradas como o dom mais precioso que pode ser concedido a uma criatura humana, e ainda hoje, em meio das nossas descrenças e scepticismos, das nossas duvidas e erros, não ha ahí ninguém que não louve, que não admire, que não respeite a mulher em cuja frente rebrilham estas preclarissimas virtudes.

E Maria é o prototypo da pureza e da virgindade.

Mais do que isso: Ella é ainda o modelo mais exemplar das Esposas, a encarnação prefulgurosa e bendita do santo amor de Mãe.

Nas crises mais dolorosas da nossa existencia, quando a desesperança ou a duvida, as adversidades ou os contratempos nos acomettem, nos agrilhãoam, o nosso pensamento, levantando-se sobre os escombros da materia, num a ascensão astral e gloriosa, vai encontrar, por entre a poeira negra dos horrores em que se fecha o nosso porvir, essa Virgem cariciosa e sorridente, acenando-nos compassiva e meiga, e balsamizando todas as nossas agruras com a ambrosia anodina do seu riso celestial e piedoso.



Mãe de Jesus, Ella ficou sendo, tambem, a nossa Mãe, Mãe dos desgraçados e dos desprotegidos, Mãe dos pobres e dos enfermos, Mãe dos orphãos e das viúvas, Mãe de todos aquelles que choram e que arrastam a pesada cruz da miseria.

Todos os annos, Barcellos, no dia 8 de dezembro, costuma prestar a homenagem da sua Fé e da sua Creença á Virgem Immaculada, festejando a sua Conceição divina com as mais lindas demonstrações de devoção e de respeito.

Neste ponto Barcellos acompanha condignamente todas as demais terras do nosso querido Portugal, onde o culto da Virgem tão profundas raizes ha lançado, e que desde o berço da monarchia até hoje ainda não cessou de animar os corações dos portuguezes.

Bem haja a nossa querida terra, por acatar, assim, as honrosas tradições dos nossos antepassados, que punham acima de tudo a manifestação das suas creenças religiosas.



### AQUI D'EL-REI ! ...

Lê-se no artigo editorial de um dos ultimos numeros do «Deus e Patria» o seguinte preciosissimo trecho de Historia Patria que, com a devida venia, transcrevemos, para ser saboreado por aquelles dos nossos leitores *ignorantes* do que foram os portuguezes dos velhos tempos:

«Em livres horas, com o sangue frio proprio de heroes, e na disposição de morrerem como martyres da patria, se o plano redemptor falhasse, deposeram a dynastia intrusa, na pessoa dos seus representantes, inflingiram rigoroso mas preciso castigo ao renegado da patria, de execranda memoria, e subiu ao throno, quasi violentado, o illustre mestre de Aviz, que depois havia de conquistar mais legitimos direitos á corôa nos plainos de Aljubarrota.» O normando e nosso.

Bravo, bravissimo, seu mestre Zé dos Anzoes!

O mestre de Aviz a disputar primazias ao sr. D. João IV, e nós todos capacitados, com o *estupido* do Camões á frente, de que aquelle outro D. João de Boa Memoria dera cabo da dynastia dos *Affonsinhos* e não da dos *Phillipes*...

Como a gente andou illudida.

Bravo, mil vezes bravo!

Merecia bem que o nosso distincto amigo dr. Miranda lhe dêsse uma *solenne* distincção no exame de Historia Patria.

\*

No mesmo jornal escreve-se ainda:

«A imprensa má é tão má, que aquelle que a assigna compra ou lê, pelo menos habitualmente, incorre em peccado mortal e é indigno de absolvição no tribunal da penitencia...».

Fôra, que é besta!

E sabem quaes são os unicos jornaes bons? «A Palayra» e o «Correio Nacional».

E onde ficam, então, todos esses jornaecos que se dizem catholicos?

Nem para elles são bons.



Prevenimos os nossos presados assignantes da villa e Barcellinhos de que vamos proceder á cobrança de 5 numeros publicados.

## Chronica

Se o jornalismo, como diz Augusto de Lacerda, no seu livro—«Irradiação do Pensamento» — marca o grau de maior ou menor desenvolvimento, não só dum povo, mas tambem duma localidade, pôde a nossa terra orgulhar-se legitimamente de ser a que, em Portugal, maior e melhor bagagem, moral e instructiva, fornece, para o Progresso da nossa raça.

Os jornaes rebentam por ahi como tortulhos, em todos os cantos, a todas as horas.

Decididamente, estamos muito civilizados.

Mas examinemos as coisas a frio. Nós (porque tambem entramos na conta) e os nossos collegas, que bem estamos fazendo, ou temos feito á terra?

Defender-lhe os seus interesses legitimos? Raras vezes e mal.

Fazê-la participante, numa communhão util e proveitosa, das descobertas e avanços scientificos da actualidade, ou dos novos inventos que, lá fóra, tanto têm contribuido para o aperfeiçoamento das artes, das industrias, da agricultura e do commercio em geral? Nem nisso pensamos.

Mostrar-lhe o caminho da honra e do dever quando apparecem alguns *espurios* que tentam prevertê-la e desacreditá-la? Isso tacea-se, apenas.

Que temos feito, ou que fazemos então?

Entreter-nos e, quando muito, entreter os outros.

E, muitas vezes, nem isso.

O jornalismo não é pois, entre nós, um symptoma de progresso. É apenas uma febre, uma mania, febre e mania que, como as doencas endemicas, não raro resultam contraproducentes e contagiosas.

Jornaes ha que vlvem quasi exclusivamente da arrieirada e do palavirão chulo, fustigando-se, mutuamente, como regateiras. Outros que querem convencer o publico de que so elles, unicamente, podem ser lidos e assignados, e não outros, sob pena de incorrerem em peccado mortal os contrafactores. Lá

## A Lagrima

vem um tal que, no seu viver modesto e pacato, promette portar-se briosamente, imparcialmente, bajulando, comtudo, os seus amigalhões, quando pôde. O papelucho fulano occupa-se sómente do que se passa em familia, sem se importar com mais ninguem; e è um dos unicos que tem juiso. O papelucho cicrano contenta-se com as *novidades* da sua sua grey, vivendo, não caro, a expensas d'outrem.

Dum canto ergue-se um ferrabraz qualquer que deseja *ter espirito*, indo brincar com os garotos da rua. Do outro vem uma velha rabujenta, ladrando quasi sempre, ou ferrando, de vez em quando, os dentes nas calças do proximo.

E' assim que vive o jornalismo local.

Nem o agradavel, nem o util.

Pois, meus amigos, era bom que mudasemos de rumo.

Cada qual tem delimitado o seu campo de acção, bem o sei. Mas dentro delle pôde fazer-se muito.

E' pensar nisso a valer.

*Tiro-liro.*

### ALBUM DA «LAGRIMA»

Inserimos hoje uma missiva amatoria, dirigida por um soldado do nosso batalhão, á sua preciosa *aquella*:

*Beldade!*

Prezo com cadeias de amor que senpre existe n'ua coração amable como o çeu tenho a firme çerteza de que ahinda não çe esqui eceu d'aquelle que a cada mumento çe lembra de um coração amplu de benignidade em que lhe juro minha querida Treza que só em çí tenho depuzitado a minha feledade e amôr.

Cumo poderia heu esquecer um amôr que çe eleva nos amorozimentos centimetros de amôr.

Minha querida Treza

Sahinda te não esqueçestes de

min juramo huma so bez que au meus hôji só a ti pertenço e maes ninguem.

estou miha querida debaicho da Bandeira mais deficte d'icar. e qando ela se ezalta faznus jirar lentamente aos paços das augas a Caminhu da Afriga. triste d'acuelles qe tem eça çorte. mas todus estâmus çogeitus a iço. Com isto minha querida Pessoa-te só qe te não esqueças d'este çama e çamará iternamente?...

un çeu admirador de tão furmoza Beldade.

a Direessão Domingos da Silva  
Suldado n.º 112 da 3.ª Companhia.

### CARTA ABERTA

*Senhor Redactor:*

No penultimo numero da «Lagrima» saiu uma piada referente á minha pessoa, mas que se não passou como V. a contava.

A coisa foi assim:

Perguntou-me o Juca:

—Qual é a capital de Siam?

—Ponche, respondi eu.

Ora V. trocou Siam por Lisboa, o que, francamente, não tinha graça nenhuma.

Demais, eu, se disse aquillo, foi a brincar, que em Geographia não tenho medo ao Juca, nem a ninguem. Lido, ha muitos annos, com ella.

*Virgilio.*

### UM ESPERTALHÃO

Esta deu-se, ha dias, numa aldeia visinha, cujo nome, por consequente, nos escusamos de estampar aqui.

Um lavrador tinha um filho que frequentava a escola e que, como seu mestre, se chamava Pedro.

Como elle era agarotado, o pae

Ex.<sup>mo</sup> Snr.  
Gonçalo Pereira  
Rua do Rosario, 204 224

Porto

## A Lágrima

mandou por elle ao professor a seguinte carta:

«Senhor Mestre: Pedro é um grande mariola: V. Sr.<sup>a</sup> escangalhá-lo-ha com pancada continuando assim; o sr. regedor, qualquer dia, mandá-lo-ha prender por tractar tão cruelmente os alumnos. Por conseguinte, se não puzer termo a essas barbaridades o rapaz, avisar-me-ha que eu lhe darei uma tarefa valente.

Seu amigo F...»

O rapaz abriu o subscripto cuidadosamente, raspou com uma navalha a pontuação, pondo-lhe outra que transtornou, por completo, o sentido da carta, resultando o seguinte:

«Senhor mestre Pedro: é um grande mariola V. Sr.<sup>a</sup>; escangalhá-lo-ha com pancada, continuando assim, o sr. regedor; qualquer dia mandá-lo-ha prender por tractar tão cruelmente os alumnos. Por conseguinte, se não puzer termo á essas barbaridades, o rapaz avisar-me-ha que eu lhe darei uma tarefa valente.

Seu amigo F...»

Que grande espertalhão de rapaz!  
Mas o que é facto é que o professor começou a tractar aquelle alumno com a maxima cautela.

### PERFIS SOLTEIROS

D'esta vez vamos a ver  
Quem é capaz de matar,  
Do perfil no decorrer,  
Os dados que lhe vou dar.

E' baixo, como *alguém*;  
No rosto curto e moreno.  
Ao perto, se vê tambem  
Um buçosito pequeno.

Terá pr'á ahi uns vinte annos.  
E se assim não decifraes,  
Vê na familia dous manos  
Ambos elles militares.

Tambem é do Batalhão,  
O *minino* perfilado.  
Mas tem licença o ratão  
P'ra estudár o seu bocado.

Na caça, tem a mania  
De emendar os tiros meus.  
Mas dá fogo d'alegria  
Porque, enfim, matar só Deus.

E' da Opera apaixonado,  
Tem por ella predileção.  
Mas ao ouvir cantar o fado  
Sente a mesma commoção.

No theatro ha um café  
Onde costuma poisar.  
Se lá não stá, vae até  
Ao jardim catrapiscar.

De Faria Barbosa é a rua,  
Onde habita o tal senhor.  
E, entre nós, só *amã*  
Não dando sorte o ainôr.

*Minino.*

Um caçador cá do sitio foi um dia destes fazer uma *caçada*.

Lá num ponto qualquer deu cabo duma perdiz e entretinha-se a procura-la, quando, por accaso, junto d'elle divisiu um lavrador.

—Viu você uma perdiz que deve ter caido por estes sitios?

—Era uma que tinha a aza esquerda quebrada e uma perna em frangalhos?

—Era, sim senhor.

—E que pela apparencia parecia ser macho?

—Isso mesmo.

—Pois não vi, não senhor.

A' noite, em casa do lavrador, fez-se uma bella *arroçada* de perdiz.

O Mineiro anda como o gato com o chocalho.